



## **Em Bloco para vencer a Austeridade**

### **Austeridade, a quem serves tu?**

Os últimos anos têm sido de austeridade. Ela – a austeridade – foi uma safa para a banca e um ganho para as grandes fortunas, mas foi um enorme plano de sacrifícios sobre as mulheres e homens que trabalham neste país.

A austeridade é um instrumento para permitir uma imensa transferência de riqueza dos portugueses para as fortunas e para a banca. A nacionalização do BPN e do BPP transferiu a dívida desses bancos para a dívida pública; a injeção de milhares de milhões de euros na recapitalização da banca falida retirou dinheiro necessário à economia e às funções sociais do Estado; esmagou salários e destruiu empregos, mas beneficiou os mais ricos de Portugal.

Américo Amorim aumentou, em 2013, a sua fortuna em cerca de 2.500 milhões de euros; a família Mello em 900 milhões de euros; Belmiro de Azevedo em mais de 500 milhões de euros e Soares dos Santos viu a sua fortuna aumentar para 2190 milhões de euros. Os ricos, em Portugal, ficaram muito mais ricos com a austeridade.

Em sentido inverso, para os trabalhadores sobram os sacrifícios. Já se sabe: para que uns poucos fiquem muito mais ricos, é preciso que milhões fiquem muito mais pobres. E foi isso que aconteceu.

Os salários caíram, em média, 6% e as empresas oferecem menos 11% de salário aos novos trabalhadores, face a anteriores postos de trabalho semelhantes. As relações de trabalho tornaram-se cada vez mais precárias e a pobreza alastrou no país. A população empregada em 2013 era inferior à população empregada em 1997. O desemprego atinge quase 40% dos jovens e mais de 1 milhão de pessoas. Entre 2011 e o início de 2014 destruíram-se cerca de 350 mil empregos. A emigração disparou com cerca de 300 pessoas por dia a deixarem o país à procura de uma vida melhor no estrangeiro.

O distrito de Aveiro não é exceção a essa destruição: 90 mil desempregados, sendo que a maior parte deles não tem direito a subsídio de desemprego nem a nenhum apoio social. Sucedem-se as insolvências, tanto de empresas, como de particulares: em 2012 e em 2013 o distrito foi o quarto do país com mais



insolvências. 2014 vai na mesma toada: até junho deste ano já se registaram 165 insolvências de empresas.

O ataque austeritário tem ainda outros reflexos: abandono escolar no ensino secundário e superior; encerramento de balcões dos CTT; encerramento de repartições de finanças; fecho ou desvalorização de Tribunais; encerramento de valências nos hospitais, falta de médicos e enfermeiros nos Centros Hospitalares; possível privatização de hospitais (caso, por exemplo, de Ovar, S. João da Madeira, Anadia); encerramento de escolas; deterioração dos serviços públicos e da rede de transportes (caso da Linha ferroviária do Vale do Vouga ou a redução de horários de comboios na Linha do Norte).

A austeridade é uma máquina de fazer pobres, oprimidos e explorados. Ao volante da máquina seguem PSD e CDS, mas o PS serve de garantia para essa marcha pois assinou a austeridade permanente do Tratado Orçamental. Ou paramos o andamento da máquina ou ela consome a vida a todos: estudantes, trabalhadores, desempregados, pensionistas...

### **A escolha é entre austeridade ou as nossas vidas**

A austeridade não foi uma inevitabilidade nem um momento de sacrifícios que já passou. Ela é o programa de governo dos partidos que desde o 25 de Abril estão aos destinos do país. Para PS, PSD e CDS, a austeridade é o guião que vão continuar a seguir. Foram esses os partidos que assinaram o Tratado Orçamental, documento incompatível com o Estado Social e o desenvolvimento económico e que garante o saque permanente da finança aos Estados e aos direitos.

O programa da Direita e do Centro é derrotar o regime e o quadro de direitos que em Portugal se conquistou com o 25 de Abril.

Por isso mesmo se tem assistido a uma guerra aberta contra a Constituição. O Governo tenta sucessivamente passar por cima da mesma com os seus Orçamentos de Estado e legislação laboral, ferindo o quadro de direitos existente em Portugal.

O que esta Direita pretende é um ajuste de contas com o 25 de Abril. O que a Direita quer é fazer terraplanagem sobre os direitos conquistados para, em vez destes direitos de liberdade e de igualdade, impor os da austeridade e do sacrifício.

Perante o projeto da Direita é necessária uma Esquerda forte e em crescendo, que se bata pelo povo português e pelos direitos deste. Não é o Partido Socialista que assinou o Tratado Orçamental que o fará porque, na verdade, o Tratado Orçamental está em conflito com a Constituição.



É necessário, por isso, um Bloco de Esquerda recuperado da sua força, capaz de enfrentar confrontos, no Parlamento como na rua. Temos de mostrar que continuamos com o objetivo inicial de romper com o sistema e transformar a sociedade. Esse é o único caminho.

Na batalha de regime, constitucional e de direitos que Portugal vive hoje, ou somos claramente Esquerda, combativa e radical, ou permitiremos o avanço da direita e do oportunismo.

### **As últimas eleições**

O Bloco de Esquerda sofreu uma derrota pesada a nível nacional nas últimas legislativas. No distrito, apesar de tudo, manteve a representação no Parlamento, conseguindo eleger novamente um deputado.

Nas últimas autárquicas perdemos votos, no cômputo geral, mas conseguimos segurar a nossa representação, em especial em Assembleias Municipais: Espinho, Ovar, Santa Maria da Feira e Aveiro, tendo perdido o representante em S. João da Madeira, mas tendo conseguido eleger em Ílhavo.

Se não fosse a militância aguerrida e o empenho das pessoas que integraram as candidaturas do Bloco, o resultado teria sido pior. Os candidatos, as nossas listas e os nossos programas autárquicos foram o melhor que tivemos para oferecer. Notou-se, no entanto, que o Bloco de Esquerda vinha a sofrer de uma perda que se registava a nível nacional. A falta de clareza da linha política, assim como a perda da imagem de irreverência e combatividade prejudicou também o nosso resultado autárquico, como viria a prejudicar os resultados nas Europeias de maio passado.

Para o Parlamento Europeu, perdemos mais de metade da votação alcançada há 5 anos, sendo ultrapassados por um epifenómeno como o MPT. No distrito, a situação não foi muito diferente, mais uma vez arrastado pelo cenário nacional.

Numa altura em que PSD e CDS juntos têm menos de 30% dos votos e o PS não vai muito além disso, o cenário é o de um centro político que está a perder apoio.

O Bloco de Esquerda que nasceu para romper com o sistema e destruir o rotativismo ao centro teria, em hipótese, um cenário para crescer e implantar o seu projeto de sociedade. Não foi isso que aconteceu. O Bloco de Esquerda perdeu eurodeputados, votos e eleitores! Enquanto a oposição capitalizou os votos de protesto, o Bloco de Esquerda voltou a perder...

É preciso mudar esta realidade, que coloca em causa a eleição de uma voz de esquerda pelo distrito de Aveiro nas eleições legislativas. Foi um caminho difícil



o que percorremos até conseguir eleger um deputado do Bloco de Esquerda por Aveiro. Mostramos que valeu a pena essa eleição e que conseguimos fazer a diferença. Todos os outros, do PS, PSD e CDS, rapidamente se esquecem do que andaram a prometer e, na maior parte das vezes, votam contra os interesses da população e do distrito. O Bloco de Esquerda não é assim, porque nós somos povo!

Temos, por isso, que inverter o ciclo, começando no distrito de Aveiro. Reivindicamo-nos da irreverência e da radicalidade de ideias, em oposição ao sistema instalado e corrupto. Temos que agir como tal.

### **Por um Bloco presente**

O Bloco de Esquerda quando surgiu e ao longo dos anos criou um novo espaço político, mas também uma nova forma de fazer. Passados 15 anos, a inovação deve ser encarada como um desafio permanente. É não só necessária a criação de espaços de envolvimento mas de buscar o envolvimento de todos e todas.

No biénio 2012-2013, um período que coincide com o recuo eleitoral do Bloco, o distrito teve um aumento de 16% no número de aderentes. Apenas um partido aberto pode ambicionar o crescimento orgânico, mas não basta. É necessário um partido interventivo e atuante, que esteja no centro da luta social. É necessário um partido com uma política ativa de recrutamento. É essa configuração que abre portas a um partido de massas. Esse crescimento deve corresponder a uma democratização continua do Bloco, da sua intervenção e das suas estruturas.

No distrito, o Bloco esteve sempre presente nas diversas lutas. Fizemos eco dos problemas locais na Assembleia da República, como é o caso da situação dos hospitais do distrito, a linha do Vouga, a rede viária, as portagens nas ex-SCUTs, o fecho de serviços de vários serviços públicos, entre outros. Destacase – por ter sido aprovada em abril de 2013 - a aprovação da proposta do Bloco para a retirada do “pórtico do Estádio” na A25 em Aveiro, recomendação que contudo o governo PSD/CDS-PP ainda não cumpriu. Continuaremos a estar presente nas lutas sociais e laborais no distrito. Mostramos como é possível estar no parlamento ao serviço das pessoas e assim queremos continuar, percebendo que o desafio é constante.

A principal e maior movimentação social no distrito foram as manifestações “Que se lixe a Troika”. A 15 de setembro de 2012 e a 2 de março de 2013, juntaram-se em Aveiro – em cada uma das manifestações – cerca de 10 mil pessoas a que se juntaram centenas de milhares no país, tendo-se seguido outras manifestações mais reduzidas. A movimentação social foi essencial para chumbar a proposta do governo PSD/CDS-PP para a Taxa Social Única que,



na prática, previa que os trabalhadores entregassem um salário por ano à entidade empregadora. Os ativistas do Bloco de Esquerda, lado a lado com tantos outros, estiveram desde o início envolvidos nesta movimentação social, em defesa dos direitos do trabalho. É esta a forma de intervenção do Bloco: estar de corpo inteiro junto das pessoas e presente na dinamização das lutas popular. É esta a marca genética do Bloco, sem sectarismos ou dogmatismos.

A mobilização social também passou pela luta sindical e pelas greves gerais realizadas. A CGTP e os seus sindicatos desempenharam e desempenham um papel essencial e insubstituível na luta social no país e no distrito. Estivemos empenhados nestas lutas e continuaremos presentes.

### **Por um Bloco mais forte e democrático**

A abertura do nosso movimento é essencial e a sua capacidade mobilizadora deve ser potenciada. Devemos promover uma maior participação dos aderentes e devemos organizar-nos nesse sentido. Por isso, propomos que as Assembleias Gerais de Aderentes distritais sejam realizadas de uma forma mais descentralizada. Mas não devemos ficar fechados sobre nós próprios. Devemos ser potenciadores da cidadania e ter a abertura para aprender com quem quiser debater connosco. Por isso, propomos a criação de um fórum de ideias, com sessões públicas abertas para discussão de temas específicos, deve ser uma prioridade para permitir a consolidação de um corpo de ideias e de “argumentário”.

Porque o ativismo se faz pelas pessoas e para as pessoas, as eleições legislativas devem merecer do Bloco e da CCDA a criação de mecanismos de participação popular na discussão e elaboração do programa eleitoral. Atempadamente devem ser realizadas sessões públicas no distrito com esse objetivo e instituídos meios *online* para o mesmo efeito.

O alargamento da organização do Bloco a mais concelhos no distrito é um objetivo para o qual se tem trabalhado. Resultado desse trabalho foi o surgimento de algumas candidaturas nas últimas eleições autárquicas mas também a estruturação de uma rede de ativistas. É conhecido que o distrito de Aveiro apresenta alguns redutos conservadores, o que associado ao atual refluxo social e ao recuo nacional do Bloco dificultam imensamente este trabalho. Em todo o caso é um objetivo a perseguir.

O ataque aos “sistema” deve ser feito com todos os recursos e com a força que move mentalidades. Essa disputa de ideias passa também pela ocupação ideológica do espaço público. O espaço público é um espaço afirmativo, dominado pela publicidade. A higienização do espaço público pretende retirar a cidadania do espaço coletivo e assegurar o predomínio da hegemonia



ideológica vigente. É necessário que o espaço público seja um espaço de todos e todas, um espaço de participação e também um de questionamento. Neste sentido, não desistimos da presença do Bloco e das suas ideias no espaço público, de forma militante, seja com uma presença mais institucional através de “mupis”, seja através de uma presença mais subversiva como murais e stencils.

O Bloco de Esquerda foi precursor na sociedade portuguesa na luta pelos direitos das mulheres. Também o fomos e somos na prática institucional. Fomos decisivos para a lei da paridade. Consideramos no entanto que a obrigação legal de 33% - importante e decisiva – deve ser superada e a representação nas listas estar mais de acordo com a realidade social. Deste modo, as listas devem aproximar-se de uma representação de 50% de cada género. Foi também essa cultura que trazemos para a atual lista.

A lista à CCDA é ainda alargada de 12 para 13 elementos de forma a alargar a sua representatividade. Embora esse não seja critério definidor, os elementos da atual lista à CCDA alargam a representação geográfica da mesma. Assumimos um caminho de continuidade com a CCDA que agora finda o mandato, cientes das dificuldades dos próximos dois anos, mas também da importância para o bloco e para a luta social deste novo biénio.

Lista de Candidatos efectivos:

	Nome	Profissão	Idade
1	Pedro Filipe Soares	Matemático	35
2	Odete Costa	Química	32
3	Moisés Ferreira	Psicólogo	28
4	Teresa Silva	Estudante	18
5	Nelson Peralta	Biólogo	33
6	Eva Braga	Economista	49
7	Joaquim Dias	Assistente	44
8	Luísa Bastos	Investigadora	35
9	João Dias	Eng. Mecânico	31
10	Virgínia Matos	Assistente Técnica	36
11	Carlos Pais	Corticeiro	42
12	Pedro Rodrigues	Professor	36
13	Manuela Vilares	Professora	36



Suplentes:

1	Vitor Gonçalves	Vendedor	35
2	Carla Lima	Professora	44
3	Hugo Ferreira	Advogado	25
4	Rita Baptista	Farmacêutica	33
5	Luis Sá	Empresário	34
6	Belmira Ferreira	Formadora	42
7	João Catarino	Téc. Multimédia	32
8	Vanessa Silva	Estudante	22
9	Ricardo Coelho	Investigador	33
10	Ana Luzia	Professora	48
11	Eduardo Ferreira	Investigador	34
12	Cláudia Ribeiro	Estudante	23
13	Humberto Cales	Funcionário Público	42

Representante da lista na comissão eleitoral:

Vitor Gonçalves